



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Eixo temático: Serviço Social e Relações de exploração-opressão de sexo-gênero-sexualidades, raça-etnia e geração

### **QUILOMBOS ONTEM E HOJE: ASPECTOS HISTÓRICOS E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO MARANHÃO**

Cláudia Alves Durans<sup>1</sup>

Claudicea Alves Durans<sup>2</sup>

Naíres Raimunda Gomes Farias<sup>3</sup>

Daniel Oliveira de Almeida<sup>4</sup>

#### **Resumo**

No Brasil, 55,5% das pessoas se autodeclaram negras. No Maranhão, são 79%. O estado possui o maior número de comunidades quilombolas, vivendo em situação de grande vulnerabilidade. Este artigo objetivou analisar essa complexidade, utilizando a pesquisa bibliográfica e documental, visando trazer a importância dos quilombos como forma de resistência à escravidão e apontar os desafios da atualidade.

Palavras-chave: Maranhão; Quilombos; Resistência; Escravidão

#### **Abstract**

In Brazil, 55.5% self-declared as Black. In Maranhão, it is 79%. The state has the largest number of quilombola communities, in a situation of great vulnerability. The present article aimed to analyze the complexity of this reality, using bibliographic and documentary research, aiming to highlight the importance of quilombos as a form of resistance to slavery, and to point out the challenges of the present day.

Keywords: Maranhão; Quilombos; Resistance; Slavery

## **1. INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup> claudia.durans@ufma.br. Universidade Federal do Maranhão.

<sup>2</sup> claudiceadurans@yahoo.com. Instituto Federal do Maranhão.

<sup>3</sup> naíres.farias@gmail.com. Universidade Federal do Maranhão/ufma.

<sup>4</sup> danieloliveirajtam@gmail.com. Fundação da Criança e do Adolescente.



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

O presente texto é parte de estudos, pesquisas e extensão sobre quilombos e lutas quilombolas no Maranhão, cujo objetivo central foi investigar as lutas, resistências e práticas político-culturais dos quilombolas no Maranhão a partir da identidade étnico-racial e sua relação com a territorialidade. Utiliza-se o materialismo histórico-dialético com o intuito de compreender o objeto em suas múltiplas dimensões, a partir de uma perspectiva de totalidade que é histórica, orgânica e complexa, como um complexo de complexos e síntese de múltiplas determinações. A pesquisa teve caráter qualitativo, bibliográfico, documental e empírico. Para efeito deste trabalho, abordamos apenas aspectos teóricos e históricos sobre os quilombos, em especial no Maranhão.

### **2 QUILOMBOS E LUTAS QUILOMBOLAS NO MARANHÃO**

O Maranhão possui uma área territorial de 331.983 km<sup>2</sup>, e a população atualmente é estimada em 6.776.699 pessoas, sendo o 12º estado mais populoso do Brasil, representando 3,3% da população brasileira. A maioria da população se autodeclara preta ou parda. Dados do IBGE indicam que cerca de 79% da população do estado se enquadra nessas categorias, com 12,6% se declarando pretos e 66,4% pardos. Serrano do Maranhão, a cidade com a maior proporção (97,2%), e São Luís com o maior contingente (761,1 mil). Enquanto a população branca representa 20,1%. Isso significa que a proporção de pretos e pardos é significativamente maior do que a de brancos no estado (IBGE, 2022). Sendo a maioria da população, negros e negras no Maranhão enfrentam situações de extrema vulnerabilidade. Os dados oficiais de 2022 revelam a situação na qual foi posta a maioria da população negra no estado. A taxa de homicídios no Maranhão variou de 31,8 por 100 mil habitantes para 29,6 por 100 mil habitantes entre 2013 e 2023. No Maranhão, pessoas negras (pretas e pardas) são a maioria das vítimas de homicídio, representando 76,5% do total de casos em 2022, de acordo com o Atlas da Violência. A taxa de homicídios para essa parcela da população foi de 29,7 por 100 mil habitantes, enquanto para brancos, amarelos e indígenas foi de 10,8 por 100 mil, segundo o Atlas da Violência. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Maranhão em 2021 foi de 0,676. No ranking nacional, o estado ocupa a 27ª posição. Quanto ao salário mensal, enquanto as pessoas negras recebem 1.687, as não negras recebem 2.692, de acordo com o DIEESE. Vale destacar que pretos e pardos continuam a representar a maioria dos beneficiários do Bolsa Família,



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

correspondendo a 89,4% do total. Com todos esses dados, observa-se que a população negra no Maranhão enfrenta desafios significativos relacionados à pobreza.

Essa realidade é resultante de processos históricos, do passado e contemporâneos, decorrentes de um projeto de nação que se constituiu desde a colonização que se sustentou no trabalho escravizado, na monocultura latifundista (cana-de-açúcar, café, algodão etc.), mineração e, no capitalismo associado e dependente. Ou seja, para compreender essa realidade, é preciso buscar a gênese da formação sócio-histórica brasileira, na qual o Maranhão está inserido.

O Maranhão é um dos estados que mais recebeu pessoas traficadas da África e, como sabemos, após a abolição da escravidão, não houve compensação pelos séculos de trabalhos forçados, sendo os afrodescendentes e povos originários vítimas de uma política bem definida de extermínio, comandada pelos países colonizadores.

Por outro lado, o Maranhão é um estado de grandes riquezas naturais. É considerado Meio norte ou nordeste Ocidental, junto com o Piauí, localiza-se numa zona de transição, apresentando aspectos geoeconômicos diferenciados e biomas diversos: o Cerrado, a Caatinga, a Floresta Equatorial Amazônica, o Sertão e o Litoral. Além de uma bacia rica em rios perenes, há períodos intercalados de seca e chuvas que favorecem amplamente a agricultura. Portanto, o Maranhão é um estado de grandes riquezas naturais, mas com uma população extremamente empobrecida (Durans, 2009).

Nesse contexto de grandes contradições, queremos destacar a Baixada Maranhense, região com características bastante peculiares, também conhecida como o Pantanal maranhense. Possui terras planas, compostas por variados ecossistemas: campos aluviais, manguezais, florestas de várzea, florestas de galeria, babaquais, o que favorece a pujança da fauna e flora, inclusive com aves migratórias. Uma biodiversidade admirável. Localiza-se ao norte do estado, composta por 21 municípios.

É também a região do estado com o maior número de comunidades quilombolas, remanescentes de quilombos ou terras de preto, por ter recebido uma grande quantidade de pessoas traficadas da África para o trabalho nos engenhos de cana-de-açúcar, na produção de arroz e algodão. Aqui, é importante dar um destaque para a compreensão dos determinantes históricos para o Maranhão ser um dos estados mais negros da federação. Santos Neto (2006) enfatiza que, durante todo o período colonial, o Maranhão possuía uma população predominantemente negra que realizava os trabalhos domésticos e das lavouras.



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Com isso, o estado tornou-se um dos centros econômicos mais importantes nos séculos XVIII e XIX.

Graças ao próspero comércio de escravos e ao trabalho dos cativos que se esfalfavam nos engenhos, São Luís, uma das capitais brasileiras construídas com profundas raízes negras, transformou-se, durante o império, na quarta cidade em importância no Brasil. A escravidão pariu no Maranhão uma elite política que se nutriu não só de muito dinheiro, mas de poder suficiente para interferir na vida nacional. Só um exemplo: da regência Trina Permanente que governou o Brasil nos idos de 1831, fazia parte o maranhense João Bráulio Muniz (1796–1835). Àquela época, os filhos das famílias ricas e tradicionais do Maranhão eram mandados para receber formação cultural em instituições de ensino europeias, como a Universidade de Coimbra, onde estudaram o poeta e jornalista Odorico Mendes e o poeta Gonçalves Dias (1823–1864). Estes estudantes, ao regressar da Europa, sonhavam fazer da capital maranhense uma grande cidade aberta às correntes de ideias do Ocidente, portal das rotas levando a Lisboa, Londres, Paris, Nova Iorque, longe da mediocridade provincial e interiorana (Santos Neto, 2006, p. 28).

Isso ocorria em razão da facilidade da navegação entre São Luís e Lisboa, que deu à capital maranhense uma condição de refinamento intelectual que chamava a atenção de viajantes.

A população branca do Maranhão é, verdadeiramente, notável pela elegância de seus modos e sua educação esmerada. Não só a riqueza da região e o desejo de imitar os costumes europeus, mas também, e principalmente, a liberdade, a boa educação, a polidez e a doçura dos maranhenses contribuíram para tornar aquela cidade um dos lugares do Brasil onde é mais agradável a permanência. Quase todos educados em Portugal, os jovens maranhenses levam consigo o gosto pelo trabalho e pela ordem e hábitos de reserva e discrição. (Alcide d'Orbigny no livro *Viagem pitoresca através do Brasil*, citado por Santos Neto, 2006).

Santos Neto (2006) muito bem destaca que essa tão cantada “doçura dos maranhenses” se chocava com a violência com que a elite branca, a casa grande, tratava os escravizados. Um dos lugares mais violentos para os escravizados.

É importante destacar que o processo de colonização do Maranhão pelos portugueses começou de forma tardia. Sendo uma das 14 capitanias hereditárias, seus donatários Fernando Álvares de Andrade, Aires da Cunha e João de Barros não conseguiram tomar posse devido aos naufrágios de seus navios na Baía de São Marcos e à resistência dos Tupinambás. Os portugueses só partiram efetivamente para a colonização do Maranhão para evitar a perda do território para franceses e holandeses, com quem tiveram que guerrear para expulsar. De acordo com Trovão (2008):

Até a primeira metade do século XVIII, as possessões ao norte do estado do Brasil permaneceram sob vigilância, mas sem maiores investimentos por parte da



## 18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

metrópole portuguesa. A partir do esgotamento das minas auríferas no Sudeste e da crise decorrente, o Império Português promoveu uma série de intervenções no sentido de dinamizar economicamente sua porção setentrional, ainda inexplorada. O ministério pombalino organizou a Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão (1755–1777) no intuito de impulsionar o cultivo e exportação de algodão, arroz e outros produtos. Em troca de monopólio comercial, a Companhia subsidiou a introdução massiva de mão de obra vinda do continente africano, vendida quase a preço de custo a proprietários já favorecidos com doações de terras pelo Estado (Trovão, 2008).

Com isso, os engenhos na região começaram a prosperar, e no século XVIII se intensificou o tráfico de força de trabalho escravizada para o Maranhão, oriunda dos portos de Cacheu, Angola e Bissau, na Guiné, e dos entrepostos negros de Cabo Verde e Serra Leoa. (Santos Neto, 2006, p. 44). De acordo com as pesquisas de Santos Neto (2006), os agricultores angolanos predominavam no início da colonização. Vinham também para os engenhos de açúcar maranhenses pessoas dos reinos da África Ocidental, onde hoje existem a Nigéria, Togo, Benin e Guiné-Bissau, civilizações mais desenvolvidas da África negra.

Donos de tecnologia comparável à da Europa medieval e totalmente integrados às rotas de comércio que uniam a África ao ocidente, povos como os iorubás, os jejes e os haussás chegaram a formar Estados poderosos, muitos deles já influenciados pelo islamismo. Contudo, naquela época, tais nações não estavam durando muito, dizimadas por uma série catastrófica de conflitos. O destino dos guerreiros derrotados ou o de sua família tanto podia ser o de pastor escravo no reino iorubá de Oyo quanto a terrível travessia do Atlântico rumo ao Brasil (Santos Neto, 2006, p. 45).

A Baixada maranhense foi certamente um dos maiores destinos desses africanos e africanas. Para se ter dimensão da escravidão no estado, a população negra chegou a representar mais de 50% da população. No livro *As Veias Abertas da América*, de 1970, Eduardo Galeano assim analisou:

O Brasil ocupava o quarto lugar no mundo como produtor de algodão; o México, o quinto. Em conjunto, provém da América Latina mais do que a quinta parte do algodão que a indústria têxtil consome em todo o planeta. No fim do século XVIII, o algodão já se tornara a matéria-prima mais importante dos viveiros industriais da Europa; a Inglaterra, em 30 anos, multiplicou por 5 suas compras dessa fibra natural. O fuso que Arkwright inventou ao mesmo tempo em que *Watt* patenteava sua máquina a vapor e a posterior criação do tear mecânico de *Cartwright* incrementaram com decisivo vigor a fabricação de tecidos e ultramar. O Porto de São Luís do Maranhão, que dormira uma longa sesta tropical apenas interrompida por um par de navios ao ano, foi bruscamente despertado pela euforia do algodão: afluíram os escravos negros das plantações do norte do Brasil, e entre 150 a 200 navios partiam anualmente de São Luís carregando um milhão de libras de matéria-prima têxtil. Enquanto nascia o século passado, a crise da economia mineira



## 18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

proporcionou ao algodão mão de obra escrava em abundância; esgotados o ouro e os diamantes do sul, o Brasil parecia ressuscitar no Norte. O Porto floresceu, produziu poetas em tal medida que até poderia pleitear que o chamassem de Atenas do Brasil, mas com a prosperidade, chegou a fome à região do Maranhão, onde ninguém se ocupava de cultivar alimentos. Em alguns períodos havia só arroz para comer. A história terminou como havia começado: o colapso chegou de repente. A plantação de algodão em grande escala nas plantações do sul dos Estados Unidos, com terras de melhor qualidade e meios mecânicos para desencaroçar e enfardar o produto, baixou os preços à terça parte, e o Brasil ficou de fora da concorrência (Galeano, 1970).

Compreende-se assim a grande necessidade de força de trabalho escravizada no Maranhão. Em consequência, foi uma região onde registrou-se a existência de grande número de quilombos. A formação dos quilombos foi permanente durante todo o período colonial e imperial, na mesma medida em que aconteceu a escravidão.

O Quilombo foi, incontestavelmente, a unidade básica de resistência do escravo. Pequeno ou grande, estável ou de vida precária, em qualquer região em que existisse escravidão, lá se encontrava ele como elemento de desgaste do regime servil. O fenômeno não era atomizado, circunscrito a determinada área geográfica, como a dizer que somente em determinados locais, por circunstâncias mesológicas favoráveis, ele podia afirmar-se. Não. O Quilombo aparecia onde quer que a escravidão surgisse. Não era a simples manifestação tópica. Muitas vezes surpreende pela capacidade de organização, pela resistência que oferece; destruído parcialmente, dezenas de vezes e novamente aparecendo, em outros locais, plantando a sua roça, construindo suas casas, reorganizando a sua vida social e estabelecendo novos sistemas de defesa. O Quilombo não foi, portanto, apenas o fenômeno esporádico. Constituíam-se em fato normal dentro da sociedade escravista. Era uma reação organizada de combate a uma forma de trabalho contra a qual se voltava ao próprio sujeito que a sustentava (Moura, 2014, p. 163).

O Conselho Ultramarino de 1740 elaborou os primeiros conceitos de quilombo: “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”. Um conceito muito amplo que só perde para o conceito desenvolvido pelas elites maranhenses, no qual bastava que apenas dois escravizados fugissem, construindo casas ou não, distante ou não das cidades. Não por acaso, era considerado um dos piores estados em termos de violência e desigualdade, um lugar de tormento para os escravizados, local de punição para os considerados criminosos.

A população escravizada resistiu com todas as suas forças. Clóvis Moura, em *Quilombos: resistência ao escravismo* (1993), destaca que houve múltiplas formas de resistência, como: assassinato de senhores, de feitores, de capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas, as insurreições urbanas, e o quilombo, que foi a principal ferramenta de refúgio e luta para fugir da exploração.



## 18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

Em Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Maranhão, onde quer que eu trabalhe, escravos se estratificam, ali estava o Quilombo, o mocambo de negros fugidos, oferecendo resistência. Lutando. Desgastando as forças produtivas, quer pela ação militar, quer pelo rapto de escravos, fato que constituía, do ponto de vista econômico, uma subtração ao conjunto das forças produtivas do senhor de engenho. Sua organização interna tinha como elemento importante as instituições tribais que os negros traziam da África e que aqui deixavam de ser meros elementos superstites, à medida que o escravo se rebelava, tornando-se elemento de negação do sistema escravista. A hierarquia que se estabelecia nos quilombos exprimia um novo sistema de valores criado pelos rebeldes, isto é, significava que a dicotomia senhor/escravo deixava de existir para se estabelecer outra que funcionava dentro dos padrões dos próprios elementos do Quilombo (Moura, 1993).

Assim, por todo o território brasileiro, se desenvolveram quilombos. Palmares (Alagoas) foi o mais destacado por ter durado quase um século, desafiando o poder colonial escravista. Destaca-se também o Quilombo do Quariterê, que foi dirigido por Teresa de Benguela por duas décadas, dentre muitos outros: Quilombo do Ambrósio (MG), Quilombo Campo Grande (MG), Quilombo de Manuel do Congo (RJ), Quilombo do Kabula (BA), Quilombo do Maragogipe (BA), Quilombo do Jaguaribe (BA), Quilombo do Jabaquara (SP). No Maranhão: em Alcântara —Águas Bela, Santo Inácio, São Maurício; Itapecuru-mirim — Santa Rosa dos Pretos; Anajatuba — Monge Belo; Mirinzal — Frechal; Codó — Santo Antônio dos Pretos.

Queremos destacar aqui o Quilombo Lagoa Amarela, dirigido por Negro Cosme, um líder destacado da Balaiada (1838–1841), juntamente com o vaqueiro Raimundo Gomes Vieira, representando a união dos pretos e pobres contra a exploração. Moura (2014, p. 202) relata que os quilombolas de Negro Cosme cantavam quando entravam nas ruas ocupadas de Caxias:

*Balaio Chegou!  
Balaio chegou!  
Cadê branco?  
Não há mais branco!  
Não há mais sinhô!*

A Balaiada ocorreu no contexto do século XIX, quando já vinham acontecendo revoltas, rebeliões e insurreições desde o século anterior: Revolta dos Alfaiates (1798), Cabanagem (1835–1840), Farroupilha (1835–1845), Canudos (1896–1897), Cabanada (1832–1835), Revolta dos Malês (1835), entre tantas outras, inclusive no período republicano.

Godeiro (2020): destaca que:



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

---

As insurreições afro-indígenas no continente americano foram elo da revolução democrático burguesa mundial, constituindo-se na parte específica dos países coloniais e semicolônias americanas. Em vários países, foram o estopim das revoluções de libertação nacional e ajudaram a impulsionar o mundo moderno como conhecemos hoje. O ascenso revolucionário negro, continental, cujo ápice foi a revolução haitiana na virada do século 18 para o século 19 e a guerra civil dos Estados Unidos, iniciada em 1861, que derrotou o sul escravista, foram os elementos determinantes para o fim da escravidão negra no continente e não o mito abolicionista dos ingleses e seus agentes locais que institucionalizaram a luta abolicionista para evitar a revolução negra.

A propósito disso, Moura (2014, p.188) lembra que, em 1824, um batalhão de pardos se levantou em armas para tomar a cidade do Recife de assalto, sob comando de Emiliano Manducuru, que arregimentou centenas de escravizados dos engenhos e o povo em geral, em torno de um Manifesto, onde pode-se reconhecer a influência da revolução haitiana no movimento:

*Qual eu imito, Cristóvão,  
Esse imortal haitiano,  
Eia! Imitar o seu povo,  
Ó, meu povo soberano!*

### **3 RESSIGNIFICAÇÃO DO CONCEITO DE QUILOMBO — luta pelo território, direitos**

As elites dominantes brasileiras trataram de fazer a transição para o capitalismo associado e dependente, sem contemplar as reivindicações históricas da população afroindígena, mantendo os privilégios dos escravocratas e seus descendentes, favorecendo a burguesia emergente, apoiados na propagação do racismo.

No século XX, desenvolvendo lutas para garantir o acesso à cidadania, aos bens e serviços da República, entre períodos de liberdades democráticas e ditaduras, a luta do povo negro foi se firmando de diversas formas. Na década de 1980, ocorreu a retomada das lutas negras, no contexto das lutas de toda a classe trabalhadora pelo fim da ditadura militar, por pautas econômicas, sociais e trabalhistas. Nesse quadro, o movimento negro passou a exigir reparações urgentes pelos séculos de escravização. Movimentos negros urbanos, comunidades negras rurais e remanescentes de quilombos passaram a exigir titulação de suas terras, ao mesmo tempo em que se impõem mudanças nas interpretações da história do Brasil. Dessa forma, o conceito de quilombo e remanescente de quilombo passou a ser ressignificado. No sentido histórico, os quilombos passam a expressar o enfrentamento de



## 18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

classes durante a escravidão; a resistência e solidariedade entre os escravizados e os demais setores oprimidos, brancos pobres e indígenas; enfrentamento à ordem latifundiária e patriarcal, mas sobretudo símbolo da luta pela liberdade.

Essas pressões refletiram na Constituição de 1988, a exemplo do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT).

*Art. 1º Os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação da propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos, de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, serão procedidos de acordo com o estabelecido neste Decreto.*

*Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Vide ADIN nº 3.239.*

*§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.*

*§2º São terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural.*

*§3º Para a medição e demarcação das terras, serão levados em consideração critérios de territorialidade indicados pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sendo facultado à comunidade interessada apresentar as peças técnicas para a instrução procedimental. (Brasil, 1988).*

Na atualidade, o termo Quilombo foge da visão racista de lugar de preto fugido, de refúgio de marginais. Traz a dimensão do orgulho, de pertencimento, da identidade, da cultura, da memória, da ancestralidade, da resistência, da luta pela emancipação plena. Nesse sentido, reatualiza-se a pauta reivindicatória, que passa necessariamente pelo território, que se torna essencial na busca por uma identidade positiva e por melhorias sociais na condição de vida. Além disso, possibilita a criação e recriação cultural a fim de preservar a memória e a história dos quilombolas.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a perspectiva analítica aqui trabalhada, a escravidão negra surge quando o escravismo já havia desaparecido como modo de produção. Portanto, a escravidão negra só pode ser compreendida no contexto da modernidade, consequência de processos distintos, mas articulados: expansão marítima, desenvolvimento do comércio, grandes



## **18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

navegações; revolução industrial na Europa, a separação do produtor direto dos meios de produção, generalização da mercadoria, formação do mercado mundial; pilhagem da América, África e Ásia. Ou seja, a poderosa combinação de colonialismo, escravidão, capitalismo, imperialismo e racismo.

Quando o capitalismo se desenvolveu plenamente, houve a necessidade de superação da escravização da força de trabalho nas colônias para instituição do trabalho livre, ao mesmo tempo em que internamente houve a vigorosa pressão das lutas do povo negro, cuja maior expressão foram os Quilombos.

O Brasil é o país mais negro fora da África. Segundo o último censo, 55,5% se autodeclararam negros. A população quilombola corresponde a 1,3 milhão de pessoas, sendo que 70% encontram-se no Nordeste, onde a Bahia (29,90%) e o Maranhão (20,26%). O Brasil foi também o último país a abolir a escravidão. E, como se sabe, sem nenhuma compensação aos ex-escravizados. Isso resultou na conformação de um país altamente violento, desigual social, cultural e economicamente. O estado do Maranhão é um dos estados mais negros da federação, e conforme os dados que apresentamos, tem uma população trabalhadora negra extremamente vulnerabilizada. No Brasil, segundo o censo 2022, há atualmente 8.841 comunidades quilombolas, sendo 3.190 comunidades certificadas pela Fundação Palmares como quilombolas. O Maranhão possui a maior quantidade de comunidades quilombolas, com 2.025 (23,99%), seguido pela Bahia com 1.814 (21%) e Minas Gerais com 979 (11,60%), e 610 dessas comunidades do estado são certificadas pela Fundação Palmares.

Esses dados dão a dimensão da importância da luta quilombola no estado, lutando permanentemente contra o latifúndio tradicional, o agronegócio (soja, algodão, celulose), mineração etc., e por reparações históricas, pois não basta certificar, tem que titular. Nessa luta, muitos têm tombado. O estado se destaca como um dos estados que mais mata defensores de direitos humanos, inclui-se aí lideranças indígenas e quilombolas. Urge retomar o legado de Negro Cosme na Balaiada e tantos outros para uma verdadeira liberdade e emancipação.

## **REFERÊNCIAS**



## 18º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: *A gente sobe a ladeira por liberdade*

Salvador, Bahia, Brasil – 3 a 7 de dezembro de 2025

---

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Certificação quilombola. **Fundação Cultural Palmares**, Brasília, DF, 20 jan. 2021. Disponível em: [http://www.palmares.gov.br/?page\\_id=37551](http://www.palmares.gov.br/?page_id=37551). Acessado em: 16 de set. 2021.

DURANS, Cláudia Alves. **Limites do Sindicalismo e Reorganização da Luta Social** — um estudo das experiências de ferroviários e metalúrgicos maranhenses. São Luís. Edufma, 2008.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Tradução de Sérgio Faraco. Porto Alegre, RS: LL&PM, 017.

GODEIRO, Nazareno (org.). **Revoluções e revoltas do povo brasileiro**. São Paulo: Sundermann, 2020.

RESSIGNIFICAÇÃO DOS QUILOMBOS CONTEMPORÂNEOS: Limites e potencialidades. 2013. Disponível em: [scielo.br/j/rbcsoc/a/cBqCgMHm8vw4nKcxbQLx7SR/?format=pdf&lang=pt](https://scielo.br/j/rbcsoc/a/cBqCgMHm8vw4nKcxbQLx7SR/?format=pdf&lang=pt). Acesso em: 10 de maio. 2025.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. 3. ed. São Paulo: Anita Garibaldi/Fundação Maurício Grabois, 2014.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. — Teresina: EEdUESPI, 993.

SANTOS NETO, Manoel. **Jornais do Império e o Cativo no Maranhão – 1821–1888 – Os quilombos e o abolicionismo no século XIX**. São Luís. Fundação Municipal de Cultura — FUNC. 2006.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense** — São Luís: IMESC, 2008. Disponível em: IIMESC: Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos. Acesso em: 24 abr. 2023.